

CONVERSA BREVE

ACONTECEU COM ELE

Aquele que realmente conhecia a si mesmo, passando entre os homens, nunca perdeu de vista o esquecimento incondicional, diante da injúria e da violência.

Repelido - desculpava.

Ironizado - compreendia.

Desprezado - auxiliava sempre.

Aprisionado sem razão - não recorreu à justiça.

Espancado - abençoava os próprios verdugos.

Escarnecido - orava em silêncio pedindo ao Céu a paz dos perseguidores.

Condenado à morte sem culpa - esqueceu a suprema afronta.

E içado à cruz entre salteadores - estendeu o perdão puro e simples, rogando ao Pai Celeste amparasse aos que se lhe erigiam no monte da crucificação em frios carrascos.

Tudo isso aconteceu com Ele, o Cristo de Deus e Governador Espiritual do Mundo, coroado de espinhos.

Entretanto, por Sua serenidade, ensinou aos aprendizes do Seu Evangelho de Redenção, a viverem no mundo com a bênção do amor, a fim de que todos nós, aprendamos, por fim, a ressurgir da morte, não possuídos pela estreiteza de existência nos planos inferiores da carne, mas, sim, possuindo, além-túmulo, a alegria triunfante da vida vitoriosa.

EMMANUEL

A EQUIPE

SÉRIE ENCONTRO COM CHICO E DIVALDO

IV - OBSESSÃO

Além da mediunidade, a outra grande contribuição oferecida à cultura humana pelo Espiritismo é a idéia de obsessão.

Estudiosos afirmam, alias, tratar-se de um dos mais graves problemas da atualidade, visto que todos estão suscetíveis de receber influências espirituais.

Este o assunto dessa parte de nossa série com os dois mensageiros que tem nos levado a refletir nos ultimos meses.

“Até onde e até quando um ou mais espíritos obsessores podem causar danos no plano físico a indivíduos desprovidos de certo amparo no Plano Espiritual?”

Chico Xavier — Nossos amigos espirituais observam sempre que não há desamparo no Universo. A misericórdia de Deus nos alcança em todos os setores e em todas as situações, e desde que tenhamos já algum conhecimento para ensaiar os nossos passos nas estradas evolutivas, por nós mesmos, vamos criando em nós recursos de auto-proteção.

Então, nós podemos observar: se temos cuidados especiais para com os nascituros, para com aqueles que ainda não chegaram à vida física e que estão em trânsito para o nosso campo de trabalho, com o concurso das nossas grandes benfeitoras que são as nossas mães, se temos cuidados especiais para com aqueles que vão chegando, organizando casas especializadas de socorro, de assistência, se o nosso próprio lar é um ninho de amor e de proteção para a criança, quando a criança demanda esse auxílio pela fraqueza em que ela se encontra na obra de Deus, também os espíritos que se encontram ainda muito insipientes no conhecimento próprio merecem considerações e bênçãos especiais dos Espíritos Superiores.

Então, devemos catalogar os assuntos de obsessão, encarando esses assuntos de acordo com a nossa própria natureza. Um espírito obsessor terá tanto poder sobre nós

quanto seja o poder que facultamos a esse espírito de nos obsedar. O obsessor tem sobre nós a influência do tamanho da nossa capacidade de atraí-lo para o nosso campo de ação. Poder-se-á observar, por exemplo, que muitas vezes, encontramos, nos sanatórios, irmãos nossos em condições precárias da mente, do cérebro, e que já não podem mais criar qualquer fibra de resistência, mas aí o assunto já transcendeu à nossa possibilidade de estudar, porque nós estamos estudando o caso conosco que estamos conscientes das nossas responsabilidades. Se nós não guardarmos, se não nos defendermos, se não nos liberarmos antes do complexo de culpa, dessa calamidade que nós chamamos remorso - nós vamos atravessando as linhas fronteiriças da perturbação e depois o império das forças inferiores sobre nós, então o assunto já é pertinente a considerações outras que não as desta hora em que estamos estudando o problema da obsessão com a nossa inteireza de conhecimentos para sabermos muito bem discernir o que é o bom e o que não serve para nós.

Nós sabemos, que o vício do fumo e das drogas prejudica muito o organismo, mas, ao que se refere ao plano espiritual o vício do fumo e dos tóxicos, ele atinge negativamente tanto o Espírito, como o perispírito, e esta pergunta seria formulada da seguinte maneira: se após a morte, o fumante continuaria desejoso,

embora sem conseguir satisfazer, o habito de fumar ou de ingerir drogas?

Divaldo — Indubitavelmente. Os hábitos que se nos arraigam durante a vida física prosseguem na vida espiritual. As obsessões aí estão demonstrando esse fenômeno, à saciedade.

Na alcoolofilia, no alcoolismo inveterado, há, invariavelmente, um processo em que Espíritos de ex-alcoólatras se utilizam de pessoas irresponsáveis ou invigilantes para continuarem a ingerir o tóxico que as vitimou. O mesmo processo se dá com o tabagismo. Espíritos de ex-fumantes induzem e exploram pessoas invigilantes ou em estado de desequilíbrio a fim de que prossigam no vício. Rogaríamos permissão ao nosso jornalista, para nos adentrarmos mais nesta questão.

A sexualidade mal conduzida, também impõe condicionamentos ao Espírito, que continua abastardado no além-túmulo e se utiliza de pessoas licenciosas, na Terra, para prosseguir no comércio carnal. O mesmo se dá com outros maus hábitos, quaisquer que sejam: a mentira, a calúnia, a infâmia, a inveja, o ódio são cânceres morais que se escondem no Espírito aturdido que, desejando saciar-se, sintoniza com Espíritos desencarnados semelhantes e conseguindo com aqueles um consórcio infeliz.

Como podemos distinguir um surto psicótico de uma obsessão? Quais “sintomas” identificam uma ou outra ocorrência?

Chico Xavier - Os sintomas são muito próximos uns dos outros. A grosso modo, não se pode diferenciar. Somente com o acompanhamento sistemático persistente e acuidade clínico-doutrinária pode-se chegar a um diagnóstico.

O fato é que se sabe somente que era obsessão depois do tratamento por meio de passes e orações.

Fora isso ficam nossos irmãos nas interações sucessivas. Muitos dos chamados loucos sofrem é uma possessão como cobrança de um passado tenebroso.

Como funciona a hipnose inicial e obsessiva de Espíritos desencarnados atuando sobre determinada pessoa no plano físico? Como conseguem eles resultados de tão profundo e corrosivo alcance, sem que a criatura se aperceba do abismo em que lentamente afunda?

Divaldo - Inicialmente por inspiração, eles passam a transmitir clichês mentais e fluidos facilmente assimiláveis pela vítima. Tais Entidades não ignoram que todos nós sintonizamos em vários tipos de ondas. É uma questão de aguardar o momento de alegria, de doença, de ira, revolta ou satisfação dos instintos para, sempre vigilantes em relação àqueles que pretendem perturbar, se utilizarem desses momentos de fraqueza ou invigilância. E o clichê mental que emitem chega muitas vezes de forma agradável, como que adocicado, principalmente se o indivíduo está deprimido. Se a criatura visada tem estruturação receptiva às coisas negativas, começa aí o comércio mental. Tudo principia como se o paciente estivesse monologando, cultivando a idéia central até que sobrevenha a fixação. A mente emissora do desencarnado, em fase mais adiantada, consegue fixar as matrizes da obsessão em sua vítima, aprofundando o caminho largo da subjugação. Os Espíritos levam sobre nós a vantagem de serem invisíveis. Daí por que a invigilância oferece perigos múltiplos, e o motivo pelo qual devemos não agasalhar pensamentos ociosos ou volúveis nem avassalar-nos na busca de um paraíso de prazer na realidade inexistente. As aberrações, o ódio, a mentira e a vindita são sempre inspiradas por mentes que se comprazem no mal.

COMUNICAÇÃO

Os espíritos obsessores agem com mais facilidade durante o período de sono de suas vítimas? Qual a arma ideal para nos defendermos contra semelhante influência?

Chico Xavier - Tanto no sono quanto na vigília pelo que nos é facultado saber, a melhor vacina contra a incursão de processos obsessivos é a nossa permanência no trabalho do bem ao próximo, até que venhamos a adquirir a sublimação espiritual que nos tornará invulneráveis ao assédio de nossos irmãos menos felizes.

A epilepsia será sempre resultado de processo obsessivo?

Divaldo - As vezes sim, de outras vezes não; entendendo-se, porém, que o problema nervoso está presente em todos os fenômenos considerados epileptóides, porquanto o próprio traumatismo da criatura, no campo emocional, pode gerar determinadas manifestações epileptóides, sem a presença de espírito obsessor.

Quais os métodos terapêuticos ideais contra o processo obsessivo?

Chico Xavier - Os Bons Espíritos são unânimes em afirmar que quanto mais nos melhorarmos em Espírito, menores serão sempre as nossas possibilidades de ligação com as forças desequilibradas das sombras.

Há também um tema de grande importância no Movimento Doutrinário, O Espírita deve manter trabalhos de desobsessão? Como?

Divaldo - A função do Centro Espírita, é muito complexa: escola, hospital e lar. A escola não é somente o lugar em que se transmitem experiências orais, mas também experiências vividas e vívidas. Falando-se tanto da Psicoterapia aos alienados mentais, aos que sofrem de parasitose

espiritual, é necessário que a Casa mantenha um departamento de desobsessão para pôr em prática os postulados que transmite. Faz-se imprescindível que toda Casa Espírita mantenha um trabalho de desobsessão, mas que não seja a desobsessão a função da Casa, única e exclusivamente. Que a desobsessão seja um passo adiantado da vivência da Casa Espírita, que deve iniciar os seus labores pelo estudo da Doutrina, para que se saiba, primeiro, o que é o Espiritismo, quais as suas metas, como aplicá-las no dia-a-dia da vida e depois começar a vivenciá-las, incluindo, como é lógico, o tratamento desobsessivo no seu programa de socorro aos necessitados. A sessão de desobsessão é de muita importância, não só para os que estão obsidiados, na alienação, como para aqueles que estão sob a injunção de entidades perversas e ainda não se deram conta — não podemos esquecer que estamos sob a alça-de-mira de adversários muito severos, inimigos pessoais de ontem, inimigos doutrinários de muito tempo e inimigos do progresso, porque há entidades no mundo espiritual, que são inimigas do progresso da Humanidade e que investem contra todos aqueles que se propõem mudar o comportamento da comunidade. É necessário que os trabalhadores da causa espírita estejam vigilantes, porquanto o simples fato de aderir ao Cristo, significa romper os vínculos com a treva. E, como treva é violência, o fato de rompermos o vínculo com os seus famanazes não implica que eles vão deixar-nos tranquilos.

A desobsessão é uma oportunidade também de lhes falarmos e de nos melhorarmos, desintoxicando-nos das viciações que eles insistentemente mantêm conosco.

Sobre isto temos experiências pessoais e de outros companheiros, muito características. Certa feita, fomos procurados por um moço que era portador de uma problemática muito

grave. Ele nos pedia ajuda. Havia estado com um psicanalista e este mandou que ele assumisse o problema. Porque agora está na moda assumir a loucura, mas nunca assumir o Bem. Quando é para assumir o Bem, diz-se: “tenha cuidado, hem? Não vá meter-se nisso. Não se engaje nes sa coisa! Fique na periferia!” Como me referiu uma senhora: “Eu quero entrar no Espiritismo, mas não quero entrar muito, porque, se eu entrar muito, posso desequilibrar-me”. Quando é de referência às paixões negativas, às tendências infelizes, aos desvios de comportamento, esti mula-se: “Assuma, porque isto é muito bom para nós”. Infelizmente, o indivíduo que assumir os problemas terá mais conflito: vai jogá-los nos outros. O psicanalista estimulou-o dizendo: “Agora é assim mesmo: a gente tem que assu mir, tem que ser por fora o que é por dentro”. Mais amargurado, o moço me disse: “Eu não posso. A minha formação não me permite. O Sr. me poderia ajudar de alguma forma, através do Espiritismo?” Respon-di-lhe: “Como não, meu filho! Você deve assumir os valores positivos da vida; assumir esta luta; conscientizar-se e lutar frontalmente. Não arran-je anestésicos, desvios. Examine em profundidade o problema, veja como você poderá superá-lo e você irá vencendo. Eu me proponho a colaborar com você. Em de terminados momentos, você vem conversar co migo, faremos psicoterapia verbal. Você vem aqui e como temos sempre pessoas doentes, pes soas que estão precisando tomar banho, cortar unhas, cabelos, fazer sopa. Durante o tempo em que você estiver auxiliando nestes misteres, não lembrará do problema. Você está na monoidéia. Nós lhe vamos dar uma polivalência de idéias e, à medida em que essas idéias forem tomando conta da sua mente, irá diminuindo a força da monoidéia. Simultaneamente, faremos a terapia espírita, a fluidoterapia. Pediremos a amigos para lhe aplicarem passes, como também o aplicare-

mos.

Você irá ler, compreender as causas, etc.”. Interessei-me muito pelo problema do jovem. Era uma pessoa tão honesta, tão desejosa de melhorar-se, que procuramos auxiliar com os ensinamentos espíritas.

O moço começou a ir à nossa casa, passamos a dialogar. Fui notando uma coisa curiosa: à medida em que eu me ia aprofundando no problema dele, passei a sentir um inexplicável mal-estar psíquico e físico. Quando ele chegava, dava-me uma sensação de desagrado pela sua pessoa. Quando ele começava a narrar-me as dificuldades, eu reflexionava: *“Meu Deus, o que é que está havendo?”* Passei a viver uma dicotomia emocional. Aquela boa-vontade e o mal-estar, prazer e desestímulo em atendê-lo. Depois que ele saía, eu ficava com uma certa indisposição. Orava, então: *“Meu Deus, não estou bem de saúde”*. (A gente arranja logo uma desculpa: eu não estava bem era de espírito e não de saúde física.) Fui lutando, lutando.

Ao fim de duas semanas, eu estava realmente indisposto, mesmo sem a presença do moço: Então dei-me conta: isto aqui tem um sinal vermelho, chamando-me a atenção. Recolhi-me à oração, orei demoradamente, procurei fazer uma avaliação, meditei bastante. Por fim, quando eu estava orando, apareceu-me um Espírito, que me disse: *“Bom, já que você insiste tanto em querer saber a causa, eu lhe vou dizer: é você mesmo!”* Retruquei: Eu sei, sim, que a causa está em mim, porque se eu não sintonizasse, não teria a comunicação. Mas, por que o irmão disse que a causa sou eu? Ele respondeu-me: *“Porque aquele sujeito é meu escravo. Eu me locupleto com ele, dele me utilizo, como você se utiliza de uma máquina para conseguir determinados objetivos. Sou eu quem o leva a delinquir, porque ele me pertence”*. E narrou-me a

COMUNICAÇÃO

história da vida pregressa (da encarnação anterior do jovem). “Como ele me traiu, quando vivíamos juntos, eu agora lhe cobro a dívida. Vou levá-lo a uma situação insuportável, porque o que eu espero dele é o suicídio. Se ele se matar, eu o terei do lado de cá. Enquanto ele estiver escondido no corpo, eu o terei, apenas, parcialmente. Mas eu não vou matá-lo! Vou induzi-lo a que se mate! Vou tornar a sua situação tão insuportável, que ele terá idéia de fugir como solução. E a melhor porta que lhe sugerirei, será esta, para que ele venha cair nos meus braços. Aí é que eu irei cobrar a dívida”. Eu interpus: “Mas, meu irmão, eu não estou entendendo: você quer matá-lo e me atrapalha? Por quê?” Ele respondeu-me: “Porque você me está atrapalhando. Para que você entenda: eu morava numa ilha com um escravo que me entendia e nós ambos gozávamos. De repente, foi colocada uma ponte. Alguém chegou e disse: ‘Venha, saia daí, você vai ter um continente, ao invés de uma ilha. Venha para a liberdade’, O meu escravo parte. Eu o vejo evadir-se, O que deverei fazer?” Respondi-lhe: “Deixar-se ir”. Ele ripostou: “É, por que o escravo não é seu; ele é meu e eu não o vou deixar. Mas, como ele está sendo atraído por uma voz carinhosa e

mais forte do que a minha...” Interrompi-o, inquirindo: “Que voz é esta?” Ele reagiu, informando: “A do outro”. “Quem?” indaguei, e ele: “O tal do Cordeiro. Como eu não posso matar o Cordeiro, que já foi sacrificado, eu vou quebrar a ponte e a ponte é você. O Cordeiro chama; se ele se for, se afoga. Mas eu quebrando a ponte, ele não sai. Prepare-se, porque eu vou atacar você. Mas meu escravo não sairá das minhas mãos”. Tentei pedir-lhe que atacasse ao meu patrão, porque eu também sou escravo d’Ele. Como estava agindo não era justo. “Por que é que você não vai quebrar o Chefe? Quebrar a mim é covardia”. Ele sorriu, cínico, e arengou: “Covardia ou não, cada um pega o que está mais fácil e eu vou pegar você!” Silenciei, vigiando e orando. Posteriormente, eu disse ao rapaz: “Meu filho, você terá que fazer um esforço dobrado, por que seu caso me está afetando, tal a gravidade de que se reveste. Através de um trabalho continuado, e largo esforço do paciente, fomos tentando conquistar esse Espírito, até que ficamos amigos os três. Hoje o moço está tranqüilo, o Espírito resolveu colaborar com ele e tudo vai bem. Mas tudo logramos, através das sessões de desobsessão.

FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE “INFORMAÇÃO”

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA “CASA DO CAMINHO”, Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo (SP), no valor de R\$ 20,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista.

Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

NOME:

ENDEREÇO:

CIDADE: **ESTADO:** **CEP:**

Nota - Em caso de renovação queira indicar o mês do vencimento de sua assinatura e o número aposto no canto superior direito da etiqueta de endereçamento.

Seu estilo é inconfundível e seu trabalho se alinha ao dos mais expressivos líderes do final do século XX.

Um dos criadores e incentivadores da campanha OVO DE COLOMBO, que em meados dos anos 70, iniciou o processo de divulgação da idéia dos Clubes do Livro Espírita, de onde se observa o crescimento do número de leitores das obras inspiradas no Espiritismo.

Nós falamos de Richard Simonetti, que, da cidade de Bauru (SP), nos leva a algumas reflexões importantes.

Apesar da grande movimentação sobre a “virada” do milênio, as pessoas se encontram em situação quase igual ao que eram antes do "evento". Como proceder para, aproveitando a própria motivação que a entrada do Terceiro Milênio traz, transformar as aspirações elevadas e o anseio de renovação moral em conquistas efetivas?

Simonetti - As transformações mais significativas não têm data marcada. Acontecem quando o Homem está preparado. Assim, a grande motivação existencial não deve ser o mero registro da transição de um milênio para outro, mas o reconhecimento de que devemos nos ajustar às Leis Divinas, admiravelmente sintetizadas por Jesus. Essa realização suprema não está sujeita ao tempo que passa mas ao empenho por não deixar, em indiferença, passar o tempo.

A Doutrina Espírita recomenda o conhecimento de si mesmo como meio de melhorar nossa vida e resistir à atração do mal. Dispõe o Espírita de alguma ferramenta, ou método de trabalho para facilitar o autoconhecimento?

Simonetti - Sim, cultivando o amor ao semelhante e o empenho de nos instruímos, conforme a orientação de o Espírito de Verdade, em “**O Evangelho Segundo o Espiritismo**”. Indispensável o façamos simul-

taneamente, porquanto, o amor sem sabedoria costuma desembocar na passionalidade. e a sabedoria sem amor é presa fácil da vaidade e do orgulho.

Em meio à hostilidade, competição desmedida e aridez do meio social, como conciliar a postura moral de homem de bem, conforme a Doutrina Espírita, com a sobrevivência e a realização social, profissional e familiar. Qual o caminho para a felicidade, nessas condições?

Simonetti - Os testemunhos a que somos convocados no presente são bem mais simples que aqueles impostos aos primitivos cristãos, que morriam no Circo Romano, trucidados por feras famintas, transformados em tochas vivas. Não nos pede a Doutrina que morramos por ela, mas que vivamos como espíritas, fiéis ao Bem e à Verdade, conscientes de que nosso empenho nesse sentido é fundamental, a fim de que o Espiritismo se fixe no mundo, não como mero repositório de fenômenos mediúnicos, mas como vigoroso apelo à consciência humana, em favor de um mundo melhor. Se assim fizermos seremos felizes, mesmo em meio às turbulências da sociedade humana.

Instrutores espirituais, como Emmanuel, advertem que, não podendo extinguir o incêndio, apliquemos um copo de água. Como essa referência filosófica, quase

poética, se aplica na atualidade econômico-social que defrontamos? Há condições de praticar a caridade de forma efetiva, contribuindo para o progresso da sociedade?

Simonetti - A comunidade espírita voltada para o esforço em favor do próximo pode fazer muito mais que jogar copos d'água para apagar o incêndio da miséria. E está fazendo. Sobretudo está dando maravilhosos exemplos do que pode a sociedade realizar quando mobilizada. Essa consciência de cidadania voltada para o bem comum está se disseminando com grande velocidade, envolvendo outros segmentos religiosos. É assim que criaremos uma nova mentalidade, favorecendo a mobilização de toda a sociedade para apagar o fogo da miséria e, o que é mais importante, providenciar para jamais volte a fazer vítimas.

Como se encontra a Doutrina Espírita, no alvorecer do Terceiro Milênio, frente às conquistas científicas como o desenvolvimento da Física Quântica, o controle genético, a nova visão do Cosmos, o desabrochar da Ecologia?

Simonetti - Tenho observado, com satisfação, que todos os grandes avanços científicos nada tem feito senão confirmar as teses espíritas. Ainda que os cientistas não o saibam ou não o admitam, em princípio, estão "redescobrimo a pólvora" e mais cedo ou mais tarde admitirão que o Espiritismo vem numa vanguarda de idéias em favor de concepções mais avançadas sobre o Universo e a Vida. André Luiz fala na matéria como luz coagulada, algo impensável há algumas décadas, conceito revolucionário que a física

moderna concebe. Cogita-se hoje da possibilidade de interferência na intimidade dos genes, que os Espíritos fazem constumeiramente, no planejamento reencarnatório conforme temos aprendido. Os avanços da ecologia são ainda elementares perto das concepções espíritas, descortinando um horizonte muito mais vasto e importante, que é a ecologia espiritual, envolvendo nossa influência no ambiente em que atuamos e, por extensão, na formação do ambiente terrestre. O Umbral, como sabemos, é mera projeção da inferioridade humana na atmosfera psíquica do planeta. E, prodígio dos prodígios a ciência materialista começa a admitir a necessidade de um Criador para explicar o Universo, algo que está perfeitamente claro e objetivo na questão nº4, de "O LIVRO DOS ESPÍRITOS": concebemos a existência de Deus a partir do axioma: **não há efeito sem causa.**

Em que a Doutrina Espírita pode contribuir para que este mundo de expiações e provas se torne, mais rapidamente, um planeta de regeneração? O que devemos fazer para contribuir para esse processo?

Simonetti - A fórmula é simples: praticar todo o Bem, evitar o mal, o tempo todo, combatendo com todas as forças de nossa alma o egoísmo. Insistir tanto nesse empenho que vejamos aplicado em nós o velho princípio da sabedoria oriental, *quando nasceste, todos sorriam, só tu choravas. Vive de tal forma que quando morreres, todos chorem só tu sorrias.*

FONTES

Resenha Espírita, 1/2001

AGORA UM NOVO SERVIÇO PARA VOCÊ

SAA - Serviço de Atendimento ao Assinante

Fone: (11) 5082-3355 de segunda à sexta-feira das 8:30 às 12:00hs

Fax: (11) 5084-9058

E-Mail: luizarmandoferreira@bol.com.br

ENQUANTO VIVEM NA ESCURIDÃO

(4ª Parte)

Rubens Santini Oliveira

O trato com os Espíritos desencarnados e desequilibrados requer preparo e sensibilidade para que os resultados sejam percebidos.

Não basta apenas a boa vontade. Necessário treinamento, como estamos observando nesta série.

Este mês, vamos nos enriquecer com uma abordagem interessante sobre o papel da prece nesses processos.

XIV - O PODER DA PRECE

Hermínio C. Miranda, em **“DIÁLOGO COM AS SOMBRAS”**, sempre nos alerta que a fé e o amor são os dois grandes instrumentos de trabalho do doutrinador. Associados a essas virtudes, a prece é de grande eficácia para levar os Irmãos sofredores à reflexão de suas dores. A prece envolve a Entidade em vibrações pacificadoras, lhe dando o carinho que há muito tempo não encontrava.

“No momento propício, e mais uma vez temos que recorrer à intuição e ao senso de oportunidade, convém dirigir-se ao próprio Espírito e propor-lhe a prece. Dificilmente ele recusará, e, ainda que recuse, devemos fazê-la, mesmo porque não devemos pedir-lhe permissão para orar, e sim comunicar-lhe que vamos fazê-lo. Basta dizer, por exemplo:

- *Vamos orar?*

Ou:

- *Agora vou fazer uma prece.*

Como disse, dificilmente ele se oporá. Poderá, no máximo, dar um muxoxo desinteressado, ou fazer um comentário condescendente:

- *Pode orar, se quiser ...*

(...) A prece deve ser dita de preferência de pé, ao lado do companheiro manifestado, com as mãos estendidas para ele, como que a concentrar nele as vibrações e as bençãos que invocamos. Alguns informam depois, ou durante a prece, que se acham “defendidos”, “protegidos” por “couraças” e “capacetes” invioláveis, nos quais, esperam eles, as energias suscitadas pela prece não poderiam penetrar.

Dirija a sua prece a Deus, a Jesus ou a Maria, pedindo ajuda para o companheiro que sofre. Se já dispõe de alguma informação sobre ele, fale especificamente de seu problema, como um intermediário entre ele e os poderes supremos que nos orientam e amparam. Eles se esqueceram, às vezes por séculos, e até milênios, de que esses canais de acesso estão abertos também a eles. Não têm mais vontade, ou interesse, de se dirigirem a Deus. Ou lhes falta coragem, por julgarem-se além de toda recuperação, indignos e incapazes de projetarem o pensamento a tão elevadas Entidades.

Em alguns casos, costume orar não apenas pelo Espírito manifestante, mas como se fosse ele próprio, com as palavras e as emoções que ele mesmo escolheria para dirigir-se ao Pai ou Jesus, se estivesse em condição de fazê-lo.”

“Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor.”

(**“A GÊNESE”** – Allan Kardec)

O hábito da prece

O hábito da prece mantém o médium em estado de vigilância, imprescindível ao bom êxito de sua tarefa.

Através da oração, isolamo-nos das influências negativas, sintonizando-nos com as forças espirituais que iluminam.

A prece não nos isenta das provas, mas dá-nos forças para suportá-las.

“Nos momentos de dificuldade e sacrifício,

vamos lembrar de orar para Nosso Pai.

A oração é um santo remédio para os nossos males.

Não é só nas horas de aflição é que devemos recorrer a esse recurso maravilhoso.

Ela deve ser feita todos os dias. Pela manhã, agradecendo pelo descanso de nosso corpo físico, e pedir proteção para mais um dia de trabalho aqui na Terra. Ao anoitecer, antes de dormir, agradecendo pelo dia que tivemos, e pedindo para que nosso Espírito possa estar com nossos Amigos Espirituais, buscando novos esclarecimentos para nosso aprimoramento espiritual.

Lamentamos que muitas pessoas só recorrem à oração para pedir a conquista de bens materiais. Conquistas essas que são perecíveis com o tempo. Devemos pedir, sim, uma boa saúde para o nosso corpo físico, para que possamos ter a força e a energia necessária para cumprir com grande sucesso o que nos foi planejado pelo Plano Espiritual. Devemos pedir a proteção, os bons conselhos e as inspirações de nossos Guias Protetores para a resolução de nossos problemas em que, por ventura, estejamos atravessando. Mas, devemos orar não só para pedir, mas também para agradecer pelas nossas conquistas do dia a dia e pelas dádivas rece-

bidas. Podemos orar para emitir vibrações positivas para aqueles entes queridos que estejam doentes ou em dificuldades. Devemos orar, também, e isto mostra a nossa grandeza e elevação de nossa alma, para os nossos inimigos e por todos aqueles que nos desejam o mal. Vamos perdoar-lhes cada ato infeliz e impensado que tenha sido desferido contra nós. Vamos mostrar-lhes o nosso carinho, o nosso Amor, a nossa tolerância, e pedir à Deus para que façam rever seus gestos, suas posturas. E que as Entidades Benevolentes possam iluminá-los para a prática de atos mais elevados. Lembrem-se: a oração é uma benção Divina. Podemos recorrer a ela a todos os instantes. A oração é um ato de Amor, um elo de ligação entre o Plano Espiritual e o Terreno. Para orar, não há necessidade de palavras decoradas, ditas sem nenhum sentimento. Mais valem dez palavras expressas com amor e devoção... Muitos falam que não sabem rezar. Basta humildemente, com suas próprias palavras, com uma devoção muito grande, acreditando naquilo que está sendo pedido, ser concretizado. Vamos lembrar o que o Nosso Mestre Jesus nos disse: **“Pedi e se vos dará”**. Acima de tudo, devemos orar com muita fé!”

AGORA UM NOVO SERVIÇO PARA VOCÊ

SAA - Serviço de Atendimento ao Assinante

Fone: (11) 5082-3355 de segunda à sexta-feira das 8:30 às 12:00hs

Fax: (11) 5084-9058

E-Mail: luizarmandoferreira@bol.com.br

O PÚBLICO DO CENTRO ESPÍRITA

Orson Peter Carrera

Você já parou para observar o público do Centro Espírita? Já refletiu sobre seu comportamento? Experimente utilizar dinâmicas de grupo, nos estudos e mesmo nas palestras, que estimulem a participação. Haverá grande surpresa ao constatar o quanto o público gosta de participar e reage aos estímulos.

O expositor espírita deve fugir daqueles ares de distanciamento do público. O incentivo da integração sempre deve estar presente. Pequenos fatos do cotidiano, aliado às lições, tornam o estudo ou a palestra extremamente agradável. Esta integração favorece o aprendizado, prende a atenção e aproxima o orador ou o expositor do público.

Uma palestra ou estudo jamais deve ser cansativo. Há que ter um perfil que conquiste a atenção seja pela profundidade da abordagem ou pela descontração com que é apresentado. Considere-se que o primeiro não é sinônimo de mesmice ou cansaço. Os participantes ou ouvintes devem sentir vontade de voltar sempre.

Deixar aquela pontinha de expectativa sobre qual será a forma com que o coordenador ou palestrante prenderá atenção do público... A este, cabe ao expositor ou coordenador de estudos o compromisso de apresentar o melhor que possa de seus esforços. Aí, entra sua criatividade e interesse em mostrar a beleza que a Doutrina Espírita possui em seus fundamentos.

Podemos extrair muito dos ensinamentos espíritos, mas tudo depende da forma como o fazemos. Qualquer tema pode ser estudado ou apresentado com profundidade sem perder-se com o desinteresse do público. Basta observar como apresentá-lo. O segredo é a dinâmica a ser utilizada. E isto pode ser usado, sem desvirtuamentos, desde que estejamos comprometidos com os objetivos maiores — o estudo e a divulgação da Doutrina Espírita.

Quando coordenamos reuniões de estudo, ouvimos ou fazemos palestras, ficamos a observar o público. Ele sempre reage aos estímulos. Há muito já se foi o tempo em que alguém lia na frente do salão e o público... dormia...

Hoje, um expositor ou coordenador de grupos de estudos que procura interagir com o público alcança muito mais resultados atingindo o raciocínio e o coração do ouvinte. Há vários exemplos de companheiros do

movimento que utilizando dessa integração com o público realizam excelente trabalho de estudo e divulgação espírita.

Observe que uma história bem contada, com argumentação doutrinária, facilita o raciocínio do ouvinte. A experiência dos expositores dá-lhes a visão do tipo de estímulo que cada público recebe nas Casas a que estão vinculados. Em algumas, as situações mais engraçadas ou emocionantes não provocam qualquer reação, como a demonstrar que se trata de um público sem hábitos com esta integração expositor/ouvinte, indiferente mesmo, que ali está como que cumprindo penosa obrigação. Em outras Casas, percebe-se claramente a descontração do público, participativo, atento, bebendo as palavras, em vivo testemunho das didáticas da instituição. Tudo isso é algo para pensar, indicando-nos caminhos que melhorem as Casas Espíritas, para que elas valorizem seu público, ofereçam-lhes o melhor, ao invés de ficarmos apenas com a obrigação de abrir o Centro, realizar as atividades com entusiasmo, ir embora e esperar a hora de recomeçar tudo de novo. Com tanto que a Doutrina tem a oferecer, como conciliar a mesmice com a dinâmica de nosso tempo? Mera perda de oportunidade.

FONTES

JORNAL "O ESPÍRITA FLUMINENSE" 6/2000

O JOVEM E SEUS PROBLEMAS

Interessar-se pelo conhecimento da Doutrina Espírita, acaba gerando no jovem perquiridor de nosso tempo, dúvidas e mais dúvidas sobre pontos que não se encontram ampla e explicitamente tratados nas obras disponíveis.

Essa a razão pela qual mantém-se este espaço de **"INFORMAÇÃO"**.

Envie para a Caixa Postal 45307/Ag. Vila Mariana/CEP 04019-970/São Paulo (SP), suas dúvidas anotadas numa folha de papel.

A partir daí, basta acompanhar as novas publicações da seção JUVENTUDE para encontrar o esclarecimento que Você procura.

QUESTIONANDO A BÍBLIA

Lendo a Bíblia, constata-se que Noé tinha 950 anos de idade, Adão morreu com 930 anos de idade. Ouvindo um pastor falar, ele dizia que Adão tinha 4 metros de altura. Mais impressionante é ver pessoas esclarecidas – como médicos, advogados, promotores de justiça – acreditarem piamente no que está escrito. Qual livro espírita vem esclarecendo esses pontos e muitos outros? (ANÔNIMO, São Paulo-SP)

A princípio, parece que as pessoas com mais escolaridade, especialmente as que obtiveram formação universitária, estão mais propensas ao pensamento crítico em relação a todos os campos do conhecimento humano. Mas essa posição pode ser facilmente contestada, quando deparamos com universitários e profissionais, detentores de títulos de graduação e pós-graduação, estudiosos e até cientistas, que utilizam o pensamento racional para algumas coisas e o pensamento mágico para outras, numa flagrante contradição de que não se dão conta, talvez porque não estejam emocionalmente preparados para compreender os grandes problemas da vida. Por atavismo religioso impregnado no inconsciente coletivo, separam acintosamente a fé da razão, o divino do humano. A fé eles colocam apenas no campo do sagrado, onde não prevalece a racionalidade e onde tudo é possível, porquan-

to incompreensível, justamente onde se encontram os dogmas ou verdades intocáveis. O pensamento religioso tradicional, desde suas raízes mitológicas mais antigas, sempre estabeleceu a dicotomia sagrado-profano, humano-divino. No terreno do sagrado, todo questionamento é proibido, porque nele impera a fé passiva e ingênua; somente no domínio do profano (ou seja, no mundo que nada teria a ver com Deus, mas somente com o homem) se pode raciocinar com lógica e objetividade. A teologia, que etimologicamente quer dizer "estudo de Deus", difere da filosofia porque, embora use a razão, parte de princípios de fé (ainda que absurdos), onde a racionalidade não participa, erigindo um edifício sem base crítica, diferentemente do Espiritismo que edificou sua doutrina sobre princípios de racionalidade. Portanto, é comum se deparar com leitores que tomam a Bíblia por verdade absoluta e inquestionável, não sabendo diferenciar a realidade da alegoria, e que preferem fechar os olhos à ciência quando se trata de alimentar a fé: é a forma como se sentem seguros diante de tanta insegurança. Mas, felizmente, nos meios religiosos comuns, vamos encontrar também pessoas que já se libertaram dessas amarras culturais arcaicas, que já questionam e buscam suas respostas com objetividade e lógica. Existem, no meio espírita, algumas obras que tratam do aspecto lendário da Bíblia e que procuram analisá-la com base em estudos sérios,

JUVENTUDE

embora a quase totalidade esteja voltada para o estudo do Novo Testamento, que contém o aspecto moral dos ensinamentos de Jesus, realçados por Allan Kardec. Que abordam a problemática do Velho Testamento, podemos citar "A BÍBLIA E SEUS ABSURDOS" de Carlos Bernardo Loureiro e "O ESPIRITISMO E AS IGREJAS REFORMADAS" de Jayme Andrade. Devem existir outras obras.

CAUSAS DO ABORTO

"Quando uma mulher sofre um aborto espontâneo ou mesmo uma ameaça de aborto é porque o bebê está em dúvida ou com medo de vir à Terra? Ou porque não gosta dos pais por algum problema em alguma outra encarnação?" (JULIANA, VIÇOSA-AL)

Em casos assim, não podemos precisar com exatidão a causa que determina o aborto. Se há causas físicas, certamente há causas espirituais ligadas ao Espírito reencarnante, que podem ser várias. Nas obras de André Luiz, pelo médium Francisco Cândido Xavier, especialmente OS MENSAGEIROS e MISSIONÁRIOS DA LUZ, podemos encontrar referências a respeito. Mas também não podemos descartar a existência de causas relacionadas com a ignorância, negligência ou imprudência da mulher e que podem provocar problemas relacionados com o aborto, resultando em reencarnações frustradas. Cada caso é um caso.

A DOR DOS ANIMAIS

"Eu tive um cachorro que morreu de câncer, depois de sofrer muito. Um ser humano com câncer demonstra que ele

está pagando dívidas do passado e, por isso, sofre. Mas, como é que isso pode acontecer com um animal? Será que ele também tem dívida para pagar como nós? (IZAURA MENDONÇA DA SILVA - Campos Novos Paulista - SP)

Não. O animal não tem nada a pagar, simplesmente porque ele não é um ser moral, não tem consciência, mérito ou culpa de seus "atos". Segue apenas o curso da natureza, agindo por impulso do instinto ou por simples adestramento.

Resgate, pagamento, ressarcimento, expiação, só acontece com os humanos, que são inteligentes e conscientes em suas ações: estes têm mérito e culpa, porque têm livre-arbítrio, isto é, sabem diferenciar o bem do mal.

Os espíritas, devemos tomar cuidado para não generalizarmos conceitos, como é costume acontecer, quando afirmamos que todo sofrimento decorre de um resgate ou de um pagamento de dívida do passado. Não é bem assim. A idéia de que há uma relação direta entre o erro e o sofrimento é correta e deve ser sempre lembrada. Mas disso não resulta que todo sofrimento é resgate. Há várias causas para o sofrimento, e uma delas é a que decorre de nossas necessidades evolutivas. A esse tipo de sofrimento André Luiz chama de dor-evolução. Os animais, que nada têm a "pagar", sofrem em decorrência de sua evolução, aceitam naturalmente a morte, e sua dor é muito menor que a dor humana, porque eles não são atormentados pelos sofrimentos morais ou problemas conscienciais, os que mais nos torturam aqui e no além.

LEIA, ASSINE, DIVULGUE INFORMAÇÃO

EDUCAÇÃO - O APRENDIZADO DA VIDA

Hermínio C. Miranda

Os modelos até agora desenvolvidos e implementados partem todos da premissa de que para cada Ser humano que nasce é criado um Espírito, sem nenhuma experiência anterior. Isto na melhor hipótese, porque são muitos os educadores que sequer cogitam da possibilidade da existência da alma. Para eles, o Ser humano não passa de um engenhoso mecanismo cibernético montado no campo da Biologia pelo processo da seleção natural.

Não faz muito tempo dizia um professor universitário americano aos seus alunos: *“Aqueles que acharem que têm alma, deixem-na no estacionamento lá fora.”*

E era professor de Psicologia, ciência que, supostamente, deve cogitar dos problemas do psiquismo. Se nos lembrarmos de que a palavra grega **psyché** quer dizer alma, percebemos, no mínimo, a contradição semântica da incongruente postura didática de abstrair o conceito de alma de uma ciência criada precisamente para estudar a alma! São esses, contudo, os critérios predominantes desde que a própria educação se deixou contaminar por princípios de inspiração dogmático-religiosos por longo tempo e materialistas como alternativa mais recente. — *A educação começa com a vida* — escreveu Franklin.

A Doutrina Espírita não tem, pois, fórmulas mágicas para os problemas humanos em geral e para os da educação em particular. Tem, contudo, uma estrutura de princípios lógicos, racionais e testados na vivência espírita, segundo os quais são aferidos e avaliados os métodos empregados, identificando os que conduzem a soluções adequadas e desejáveis e os que levam à esterilidade ou aniquilamento do esforço educacional.

Não é de seu propósito ou interesse disciplinar rigidamente os mecanismos sociais, prevendo situações e regulamentando comportamentos, como tentou empreender o Positivismo. O clima propício ao funcionamento adequado do processo evolutivo — uma das premissas básicas da Doutrina — é o da liberdade responsável e consciente, isto é, o exercício do livre arbítrio, mesmo porque — e aqui voltamos a Deolindo Amorim — *“a reforma social deve partir da reforma moral do homem”*. **O Reino de Deus está em vós**, disse o Cristo. Não está aqui ou ali, não é um acontecimento cósmico, ou a resultante de uma ordenação vertical, de cima para baixo e sim uma **conseqüência da própria ordenação íntima do Ser humano**. É, portanto, meta a ser alcançada por esforço consciente, livre e voluntário, a partir de um entendimento individual da realidade espiritual. Tal realidade pode ser resumida em uns

poucos conceitos fundamentais, entre os quais destaque especial merecem os seguintes:

O Ser humano é um Espírito imortal, temporariamente revestido de um corpo físico perecível. — *“Tem assim o homem duas naturezas* — escreveu Kardec na Introdução a O LIVRO DOS ESPÍRITOS — pelo corpo, participa da natureza dos animais, cujos instintos lhe são comuns; pela alma, participa da natureza dos Espíritos”.

Na impraticabilidade de realizar toda a sua programação evolutiva numa só existência, o Espírito só poderá alcançar os extremos limites da perfeição através do mecanismo das vidas sucessivas, ou seja, da reencarnação.

“Os Espíritos — diz ainda Kardec — pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade”. O Espírito é responsável por todos os seus atos, tendo o mérito de suas virtudes e ônus de seus erros, que lhe cumpre reparar. Ante essa realidade, assume vital importância a educação do Ser humano, de vez que é através dela que se viabiliza o processo evolutivo. O Espiritismo, contudo, não preconiza esta ou aquela fórmula, este ou aquele modelo, mesmo porque fórmulas e modelos são necessariamente transitórios e precisam ser flexíveis, não apenas para atendimento de condições locais e temporais específicas,

como porque também a metodologia é categoria evolutiva, como o próprio Ser humano. Haverá sempre espaço adiante e acima para conceber, testar e melhorar qualquer metodologia educacional. A Doutrina prefere mostrar os valores permanentes da vida para que, no âmbito deles, se movimentem com liberdade e criatividade responsáveis os educadores.

Uma advertência, contudo, impõe-se aqui: a de que continua fazendo falta ao correto equacionamento dos problemas educacionais o conceito da reencarnação.

— *A educação da mente humana começa no berço* — afirmou Cogan, médico inglês.

Já Hosea Ballou, pastor americano, declarava que a educação começava no colo das mães.

Até agora, somente o Espiritismo sabe que a educação não começa com a vida, no berço ou junto das mães, ela continua, prossegue, avança para um novo ciclo de experiências em cada existência na carne, mesmo porque também no intervalo entre uma vida e outra o Espírito (desencarnado) aprende e, portanto, educa-se.

As estruturas doutrinárias do Espiritismo oferecem espaço suficiente para acomodar qualquer procedimento que promova o desenvolvimento harmonioso da interação conhecimento/moral, conjugada com os cuidados adequados com o corpo físico do Ser humano encarnado, visando à sua melhor integração na comunidade. Lembra, contudo, a Doutrina, insistentemente, não apenas a responsabilidade inalienável de cada um, mas também as desigualdades de inteligência, saber e moral entre os seres.

Em minha opinião pessoal — e aqui não falo necessariamente em nome do Espiritismo — sou por um modelo educacional que não apenas leve em conta os parâmetros doutrinários, mas que seja suficientemente flexível para comportar adaptações a condições específicas. Acho que a exagerada rigidez de currículos e de métodos pode levar à sufocação de importantes potencialidades em indivíduos bem dotados. Reconheço necessário um mínimo de formação básica indispensável, senão compulsória, especialmente nas matérias fundamentais. No momento em que

escrevemos este estudo assistimos, por exemplo, a um impressionante processo de degradação do poder de comunicação do indivíduo, paradoxalmente numa época em que os meios de comunicação atingem elevados índices de diversificação, eficiência e expansão. São muitos os que não conseguem expressar em nível satisfatório aquilo que pensam e desejam transmitir. Degradou-se a qualidade dos textos escritos, tanto quanto a da palavra falada. Testemunhamos uma tendência de retorno ao pictograma, à figurinha, à imagem gráfica, em lugar da inteligente manipulação da palavra, refinado e destilado produto de milênios e milênios de aperfeiçoamento da instrumentação veiculadora do pensamento. Daí, dizem alguns, o sucesso crescente das histórias em quadrinhos ou da imagem falante na televisão ou no cinema. Preguiça mental? Retrocesso intelectual? Bloqueios resultantes das práticas de múltipla escolha? Que pesquisem e falem os técnicos no assunto, certos, porém, de que é de suma importância para a comunidade humana como um todo — e isto inclui seres encarnados e desencarnados — um bom e eficiente mecanismo de comunicação, enquanto não atingirmos os elevados patamares da evolução nos quais o pensamento se transmite ao vivo, in natura, direto, sem necessidade de recorrer a símbolos, imagens ou sons. Dizia H. G. Wells que a primeira obrigação do educador está em levar o aluno a *“entender, falar, ler e escrever sua língua materna”*.

Seja como for, um mínimo de conhecimento básico é indispensável, senão mandatário. Nesse mínimo, estaria incluído um adequado treinamento visando à inteligente utilização dos mecanismos de comunicação.

À margem disso, contudo, além e acima, deverá estar sempre reservado certo espaço para as peculiaridades e opções individuais. Há alguns exemplos realmente dramáticos de que algo nesse sentido seria oportuno e aconselhável, como podemos ver.

O primeiro que me ocorre é o de Alberto Santos-Dumont. Pouco mais que um adolescente, o

EDUCAÇÃO

jovem Alberto foi emancipado pelo pai e enviado, sozinho, a Paris para estudar. Lá chegando, em vez de procurar uma das excelentes universidades francesas, adotou o inusitado procedimento de escolher suas próprias matérias e, mais do que isso, seus professores e instrutores. Ele é que entrevistou os candidatos a professor, em lugar de deixar-se entrevistar por eles. Só ele sabia o que desejava aprender. Se em lugar disso, resolvesse matricular-se numa faculdade tradicional, estaria sujeito a um currículo inadequado aos sonhos e objeti vos que trazia no Espírito. Teria que aceitar matérias que não lhe interessavam, ao passo que nas de seu interesse imediato, iria ser alimentado com bloqueios que talvez inviabilizassem os seus propósitos. Em Física, por exemplo, uma importante noção bloqueadora era a de que o mais pesado do que o ar não podia voar. Pois não era isso mesmo o que ele queria? Quando se interessou pelos balões, foi informado enfaticamente de que nada mais havia a fazer com eles, pois já haviam alcançado o máximo em tecnologia. A questão é que, no fundo, talvez de maneira até não articulada ou consciente, ele sabia, como Espírito, que o sonho de fazer o homem voar estava apenas em princípio de realização e não na terminal do impossível. E foi assim e por isso que Alberto Santos Dumont conseguiu voar em aparelhos mais pesados do que o ar, uma das “impossibilidades” da física no início do século.

Algum tempo depois o físico e astrônomo alemão Friedrich Zoellner realizaria com o concurso do médium Slade outra “impossibilidade” física — a interpenetralidade da matéria.

Um amigo meu (americano) provocou certo reboliço na área educacional de seu País quando desejou o título de engenheiro. Tinha de entrar para a faculdade regularmente como todo mundo, lhe disseram. Mas ele insistiu que já estava pronto. O que queria era apenas provar que já sabia o que precisava saber para ser um bom engenheiro. Para isso, requereu uma banca examinadora e tanto lutou e insistiu que acabou conseguindo ser examinado. Não

foi possível recusar-lhe o diploma. Ele era um engenheiro, tão bom quanto os melhores. Tão bom que ainda hoje vive confortavelmente como consultor “free lancer”, fazendo estudos e projetos especiais de alta complexidade. É um especialista em estruturas metálicas, autor de vários inventos importantes, homem culto, inteligente, sensível e reencarnacionista convicto.

Ocorre-me um terceiro exemplo dessa metodologia pouco ortodoxa de obter conhecimentos (ou recordá-los, como queria Platão). Trata-se do poeta inglês Robert Browning. Houve, de fato, uma tentativa de fazê-lo freqüentar faculdade; mas não deu certo. O futuro poeta preferiu educar-se sob as vistas do pai, um erudito bancário, ao qual a família considerava uma enciclopédia ambulante. Em LA JEU NESSE DE ROBERTO BROWNING, o escritor francês Henri-Léon Hovelaque declara que o poeta sabia tudo quanto um jovem de formação universitária poderia conhecer; a diferença é que “il le savait autrement”, ou seja, sabia de modo diverso.

— Gostaria de que todo imigrante soubesse que Lincoln passou apenas um ano na escola sob a tutela de cinco professores diferentes — escreveu o Dr. John H. Finley — e que esse homem foi capaz de escrever o discurso de Gettysburg. Não se veja nisto — mera opinião pessoal, repito — qualquer intenção crítica sobre a metodologia e os currículos universitários predominantes. Desejo apenas destacar a conveniência, senão a necessidade de prover sempre condições para que Espíritos diferentes tenham tratamento diferenciado, a fim de que possam desenvolver harmoniosamente suas potencialidades. A familiaridade com os aspectos teóricos e práticos do Espiritismo ensina, com insistência, que muitos são os que renascem precisamente para romper com estruturas e metodologias superadas,

a fim de abrir janelas panorâmicas para o futuro e indicar caminhos ainda não trilhados ou nem sequer suspeitados. Segundo estou informado, esse critério de flexibilidade e liberdade responsável tem sido o grande fator de êxito em instituições de ensino dedicadas à educação dos superdotados. Há que proporcionar-lhes espaço livre, mesmo dentro de um currículo mínimo obrigatório, para que possam movimentar seus talentos e realizar suas programações espirituais. Um dia, todos os educadores estarão alertados para o fato de que a criança é um Espírito reencarnado e que, a despeito das limitações que lhe impõem a imaturidade do corpo físico, em particular, e da encarnação, em geral, ali está um Ser com importantes experiências anteriores, muitas vezes dono de vasta cultura intelectual e respeitável padrão ético. A muitos pais e mestres espanta e até assusta a identificação de certos sinais de precocidade em tais crianças. Um desses pais procurou-me certa vez, extremamente apreensivo, sentindo-se inadequado ante a impressionante potencialidade intelectual que seu filho começava a revelar. Disse-lhe eu que não se preocupasse. Desse-lhe amor, apoio e compreensão; ele sabia o que viera fazer aqui e saberia como abrir seus caminhos. Volvidos alguns anos — cerca de uma década —, já adolescente o menino, encontramos-nos novamente, os pais e eu. Estávamos todos felizes porque a modesta “profecia” se realizara na sua plenitude: o casal recebera como filho um Espírito de elevada condição intelectual. Foi um privilégio que, em tempo, eles compreenderam e aceitaram, comovidos e

humildes. Estou certo de que algum dia, não muito distante, ouviremos todos falar dele. É importante, pois, vital mesmo, que Espíritos dessa ordem sejam prontamente identificados e adequadamente educados para que possam entregar à Humanidade as contribuições que se incumbiram de trazer-lhe. Isto não significa, porém — jamais — que deva ser relegada a plano secundário a educação dos seres que renasceram com deficiências inibidoras do intelecto. Estes também têm tarefas a realizar na Terra, como todos nós. E mais do que os normais ou os da faixa excepcional elevada, precisam de compreensão, paciência, atenção e amor. Não disse o Cristo que são os doentes que precisam de médico? Entre os dois extremos a exigirem cuidados especiais e metodologias excepcionais, está a massa densa de inteligências normais, se é que podemos estabelecer um padrão de normalidade para tais atributos. Para concluir, a reforma social deve partir da reforma moral do Ser humano, um impulso centrífugo, de dentro para fora, do indivíduo para a sociedade. O instrumento adequado para a realização desse ideal é a educação, no seu mais amplo e abrangente sentido, como promotora da cultura intelectual e da elevação dos padrões éticos, sem esquecer o trabalho de adequação do corpo físico, ferramenta de trabalho indispensável ao Ser encarnado, morada temporária do Espírito imortal.

FONTE

Amorim, Deolindo; Hermínio C. Miranda; O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS SOCIAIS ed. USE